

Betancur quer devedores unidos

CARTAGENA — O Presidente da Colômbia, Belisário Betancur, anfitrião do encontro, está relativamente confortável em relação a seus vizinhos latino-americanos. Afinal, seu país tem uma dívida de apenas US\$ 13 bilhões e deve manter em dia os pagamentos, caso não surjam, no futuro, novas dificuldades junto a seus credores internacionais.

Em entrevista exclusiva ao *O GLOBO*, o Presidente diz o que espera da Conferência de Cartagena e manifesta apoio à decisão do governo argentino de enviar, ao Fundo Monetário Internacional (FMI), uma carta de intenções compatível com a política e a economia de seu país.

O GLOBO — O que o senhor espera da reunião que a Colômbia tem a oportunidade de ser anfitriã?

BETANCUR — Esta é uma reunião de coordenação e análise, para estudar fórmulas que tornem viável o serviço da dívida externa latino-americana e fortaleçam o sistema financeiro internacional. A América Latina quer ver seus países com sistemas políticos, econômicos e sociais sólidos, apoiados por organismos multilaterais fortes e bancos internacionais solventes e líquidos. Essa é a síntese do que esperamos da reunião de Cartagena.

O GLOBO — Como interpreta a decisão da Argentina de enviar uma carta de intenções ao Fundo Monetário Internacional unilateralmente, quais os efeitos da atitude sobre os demais países latino-americanos?

BETANCUR — Permita-me esclarecer primeiro que a Colômbia já havia marcado sua posição frente ao Fundo Monetário Internacional, assinalando que os programas de ajuste devem sempre levar em conta a realidade política e social dos países a que se destinam. Devem ter em conta que os anseios sociais de nossos povos devem ser atendidos prioritariamente, porque é uma questão de justiça e uma forma de assegurar a paz política e social. Penso que a Argentina está realizando um esforço sério para conseguir um programa viável de estabilização e recuperação econômica, tendo em conta sua realidade política e social.

O GLOBO — Acredita que com a possibilidade de novos aumentos das taxas de juros internacionais, o atual nível de diálogo com a comunidade financeira internacional é suficiente?

BETANCUR — O endividamento dos países em desenvolvimento é um proble-



exclusivo

ma criado por toda a comunidade internacional. Ressalte-se: por toda a comunidade. Empresas, bancos, organismos multilaterais de crédito, Governo do Norte e Governos do Sul, todos, devem trazer elementos construtivos e todos devem estar dispostos a assumir sua cota de sacrifício para se chegar a uma solução viável.

O GLOBO — Qual a expectativa da Colômbia para a negociação de sua dívida externa?

BETANCUR — A Colômbia é um dos países com menor nível de endividamento, aplicando os recursos externos em programas prioritários de desenvolvimento. A colaboração de entidades como o Banco Mundial e o Banco Interamericano foi satisfatória, mesmo quando tentamos flexibilizar as condições estabelecidas para acelerar os pagamentos.

O GLOBO — O Governo colombiano vai defender a alteração das regras de renegociação da dívida externa para os países latino-americanos? Quais as modificações mais importantes no seu entender?

BETANCUR — A Colômbia acha que os latino-americanos devem fazer o possível para cumprir seus compromissos externos. Assim, a Colômbia considera que, para viabilizar esta intenção, é necessário maior intercâmbio, menores taxas de juros, maiores prazos de amortização e mais acesso aos países industrializados.

O GLOBO — Quais as perspectivas para a solução dos problemas políticos internos?

BETANCUR — Nós, colombianos, somos ativistas da paz: temos vocação para a paz. Não seria exagero dizer que todos os habitantes da Colômbia vêm com esperança o desenvolvimento do recente acordo de paz com as forças armadas revolucionárias de Colômbia (Farc) e com as conversações mantidas com outros grupos armados. Nossa organização política é um sistema aberto, regido por normas jurídicas definidas. O estado de direito é um estado de ânimo para os colombianos. Nesse contexto de respeito aos direitos humanos, buscamos a justiça social e a paz. E as estamos encontrando.